

**O RIO, COMO A GENTE, É MAIS IMPORTANTE NA FOZ DO QUE NA SUA
NASCENTE: DESIGNAÇÕES PARA RIO PEQUENO E SEU ENTORNO
SEMÂNTICO**

**A RIVER, LIKE US, IS MORE IMPORTANT AT THE MOUTH THAN AT ITS
SOURCE: DESIGNATIONS FOR SMALL RIVER AND ITS SEMANTIC
ENVIRONMENTS**

Daniel Marra¹

IFTO

Sebastião Elias Milani²

UFG

Tânia Ferreira Rezende³

UFG

Resumo: Apresenta-se neste artigo uma análise de unidades lexicais que designam a realidade empírica *rio pequeno* e seu entorno semântico a partir de dados gerados pelo projeto Atlas Linguístico de Goiás (MILANI *et al.*, 2015), com foco na diatopia das regiões norte e nordeste de Goiás. Considera-se para a análise, além das formas de nomear esse objeto, unidades lexicais que nomeiam o lugar onde ele nasce, o encontro com outro rio e os movimentos diversos da água. Analisa-se tais unidades lexicais a partir de seus significados metalexicográficos e também dos sentidos expressos nas intenções significativas dos utentes. Sobretudo, enfoca-se no processo de criação léxico-semântico, recorrendo, sempre que possível, a seus étimos e a sincronias pretéritas, mas também ao processo de mudança semântica que envolve tais palavras na sincronia atual. Sobre as possibilidades diversas de designação do entorno semântico da realidade empírica rio pequeno, este artigo recorre também à noção de categorização e à teoria dos protótipos que poderão lançar luz sobre as seguintes questões: (i) como uma realidade qualquer no mundo empírico pode reunir em torno de si tantas formas linguísticas relacionadas ao mesmo significado?; e (ii) como essas formas e significados relacionados a um mesmo referente não interferem no processo de apreensão, organização e categorização do mundo e nos processos comunicativos? Na busca pelas possibilidades de designação da realidade empírica *rio pequeno*, observou-se que algumas formas de nomeação são mais prototípicas, isto é, correspondem mais diretamente ao sentido da realidade designada, enquanto outras são mais periféricas, ou nem mesmo correspondem ao sentido que se convencionou sobre tal objeto no mundo. Evidencia-se, finalmente, que tanto a criação de um item lexical quanto sua subsequente mudança de sentido refletem as necessidades expressivas dos utentes.

Palavras-chave: Rio Pequeno; Criação Lexical; Mudança Semântica; Metáfora; Metonímia.

¹ Doutor em Letras e Linguística, Professor do Instituto Federal do Tocantins e do PPGLetras da Universidade Federal do Tocantins. E-mail danielmarra@iftu.edu.br

² Doutor em Semiótica e Linguística Geral, Professor Titular da Universidade Federal de Goiás - Departamento de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Letras. E-mail: sebas@ufg.br

³ Doutora em Linguística, Professora Associada da Universidade Federal de Goiás - Departamento de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Letras. E-mail: taferrez@ufg.br

Abstract: This article presents an analysis of lexical units that designate the empirical reality *small river* and its semantic environments based on data generated by the project Linguistic Atlas of Goiás (MILANI *et al.*, 2015), focusing on the diatopy of the north and northeast regions of Goiás, Brazil. It will also be considered for the analysis lexical units that name the place where the river originates, the encounter with another river and the movements of its water. Such lexical units are analyzed based on their metalexigraphic meanings and also on the meanings expressed by the speaker's. Above all, it focuses on the lexical-semantic creation process, using, whenever it is possible, its etymons and past synchronies, but also on the process of semantic change that involves such words in the current synchrony. Regarding the diverse possibilities of designating the semantic environments of the empirical reality *small river*, this article also uses the notion of categorization and the theory of prototypes that may shed light on the following questions: (i) How can an object in the empirical world gather around itself so many linguistic forms related to the same meaning?, and (ii) How do these different forms and meanings related to the same referent do not interfere in the apprehension and organization of the communicative processes? In the search for possibilities for designating the empirical reality *small river*, it was observed that some forms of naming are more prototypical, that is, they correspond more directly to the meaning of this reality, while others are more peripheral, or do not even correspond to the meaning that is agreed for this object in the world. Finally, this article shows that the creation of a lexical item and its subsequent change in meaning reflect the expressive needs of users.

Keywords: Small River; Lexical Creation; Semantic Change; Metaphor; Metonymy.

Recebido em 9 de abril de 2024.

Aprovado em 22 de julho de 2024.

Riozinho

O rio, como a gente,
É mais importante na foz
Do que na sua nascente!

Quisera ser apenas um riacho,
Não um riozinho de Roma,
Que dá até nome a aeroporto,
Mas um córrego qualquer,
Perdido em algum lugar!

Ah! Se eu pudesse...
Despir-me de falsa importância,
Que me impele a essa ânsia,
De, um dia, morrer no mar!

Juraci B Chagas

Introdução

Apresenta-se neste estudo uma análise de unidades lexicais que designam rio pequeno e seu entorno semântico a partir de dados gerados pelo projeto Atlas Linguístico de Goiás (MILANI *et al.*, 2015), com foco na diatopia das regiões norte e nordeste de Goiás. Analisa-se tais unidades lexicais por meio de seus significados metalexiconográficos e também dos sentidos expressos nas intenções significativas dos utentes participantes da pesquisa. Sobretudo, enfoca-se no processo de criação léxico-semântica, recorrendo, sempre que possível, aos étimos e a sincronias pretéritas, mas também ao processo de mudança semântica que envolve as palavras na sincronia atual. Evidencia-se também que tanto a criação de um item lexical qualquer quanto a sua mudança de sentido envolvem objetivos pragmáticos, como a necessidade de os utentes expressarem um novo sentido relacionado a uma determinada realidade no mundo empírico.

Como se observará, os processos de criação lexical e suas subseqüentes mudanças de sentidos mais produtivos são de ordem metafórica e metonímica. Desse modo, para a análise das unidades lexicais que emergiram do estudo, recorre-se à teoria semântica em sua face histórica ou diacrônica, buscando sempre que possível verificar como o sentido se instancia na formação de uma nova palavra e como ele muda com o passar do tempo. Conforme Roth (1998, p. 66, 70), a semântica histórica se ocupa do estudo “das unidades significativas da língua” e tem como fio condutor “orientar a explicação da mudança semântica”. Nesse sentido, Silva (2006, p. 87) distingue entre mudanças semânticas semasiológica e onomasiológica, que desempenham funções distintas nesse processo. A primeira diz respeito ao desenvolvimento de novos sentidos de uma determinada palavra; a segunda, refere-se à expressão de determinado conceito, previamente lexicalizado ou não, por um novo item lexical.

Como se poderá perceber nas seções seguintes, a mudança semasiológica é que permite a mudança de sentido dos itens lexicais *mina*¹ (cavidade artificial) para *mina*² (nascente do rio). Já a mudança onomasiológica força a criação de novos itens lexicais para fazer referência a um mesmo objeto no mundo. Assim é que a realidade empírica nascente do rio poderá ser expressa, além do termo *mina*, pelas formas lexicais *nascente*, *olho d'água*, *cabeceira*, *fonte* etc. Nesses casos, o que permitiu tanto a criação quanto a mudança de sentido das palavras foram processos metafóricos. Os exemplos não se

reduzem a estes, mas são suficientes para justificar a importância de uma abordagem descritiva e semântico-diacrônica ao estudo do léxico.

1. Léxico

Hugo Schuchardt (1842-1927) argumentando em defesa da ideia de que cada palavra tem sua história, fato que o fez dar destaque ao estudo da singularidade das palavras, dizia que o seu estudo não poderia ocorrer de forma divorciada do tempo e do espaço (VIARO, 2011). Seguramente, ao analisar o inventário lexical de uma língua se pode percebê-lo como resultante de processos históricos internos e externos à língua que moldaram as formas e definiram os sentidos das palavras. Uma análise acurada dessas formas e sentidos desvelam suas características constitutivas e narra a história de seus desenvolvimentos desde os primórdios de uma língua. Logo, é no léxico de uma língua que se pode verificar como são criadas as palavras e como mudam de forma e sentido, revelando com isso o dinamismo tributário de uma língua.

Nesse sentido, Rio-Torto (2014, p. 31) ressalta que “em português, como em outras línguas, a estrutura interna das palavras reflete as tendências históricas da língua”. Para a autora, o conhecimento da história de uma língua e de seu léxico não é só útil para a aquisição e o aprendizado, mas também para um “conhecimento mais preciso dos padrões lexicais de cada língua” (*op. cit.*, p. 53). Viaro *et al.* (2014, p. 60) corroboram esse pensamento acrescentando que “para entender como uma língua funciona é preciso mesclar dados históricos com os elementos presentes da comunicação atual entre os falantes” e que se ater apenas na sincronia atual é um equívoco, “uma vez que todos sabemos que a essência das línguas é mutável diacronicamente, como se flagra no intervalo de uma vida”.

Desse modo, Villalva e Silvestre (2014, p. 23) argumentam que por ser a língua dinâmica e mutável, “o conhecimento lexical que o falante possui num dado momento pode, pois, não ser idêntico ao de um momento anterior ou posterior: trata-se de um saber cumulativo e, também, degradável”. Evidentemente, o conhecimento do léxico de uma língua não requer do falante comum o conhecimento etimológico das unidades lexicais que o compõem. Por outro lado, Villalva e Silvestre (2014, p. 24-25) ressaltam “que o conhecimento de uma dada propriedade das unidades lexicais potencia o conhecimento de outra ou outras das suas propriedades”

O estudo do léxico admite, portanto, abordagens que variam de acordo com o objetivo do estudo que se pretende realizar. Pode-se partir de uma unidade lexical para o seu referente ou, de modo inverso, parte-se do referente para suas diferentes unidades lexicais (SILVA, 2006). No estudo ora empreendido, parte-se dos referentes (as realidades empíricas) para as unidades lexicais que os designam. Exemplificando, é a partir do que o participante da pesquisa conceitua como *rio pequeno* (o referente, o objeto no mundo empírico) que se chega às unidades lexicais que o nomeiam, *córrego*, *riacho*, *grota* etc. Nesse caso, o instrumento de coleta e o pesquisador tiveram, no momento de geração dos dados, a função de conceituar tais realidades empíricas, de forma que motivassem, em contrapartida, o participante da pesquisa a visualizar a imagem desse objeto e expressar os nomes com os quais o nomeiam.

2. Métodos e Análise dos Dados

Este estudo foi desenvolvido a partir de dados gerados pelo projeto Atlas Linguístico de Goiás – ALINGO – e objetivou descrever, especificamente, unidades lexicais que compõem os campos semântico-lexicais acidentes geográficos e fenômenos naturais nas regiões norte e nordeste do estado de Goiás. O léxico, nessa perspectiva, será compreendido numa dimensão dialetal diatópica, com base nos dados gerados em 9 (nove) pontos dessa região. O *corpus* da pesquisa se constituiu de respostas de 36 (trinta e seis) participantes, selecionados mediante os critérios de idade, sexo e escolaridade.

Os municípios situados na região do nordeste goiano ou que margeiam a fronteira com o estado da Bahia, onde foram gerados os dados da pesquisa, são Luziânia, Cristalina, Planaltina, Formosa, Posse e São Domingos. Foram incluídos ainda os municípios de Alto Paraíso, São João d’Aliança e Campos Belos, que fazem parte da região norte do estado, mas que margeiam os municípios da região nordeste.

Os dados resultantes de cinco perguntas do inquérito relativas aos campos temáticos acidentes geográficos e fenômenos naturais e que constituem o objeto de análise deste estudo estão descritos no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1. Perguntas e respostas relacionadas aos campos temáticos acidentes geográficos e fenômenos naturais.

Pergunta	Resposta	Pergunta	Resposta
----------	----------	----------	----------

Como chama um rio pequeno?	1. Córrego 2. Riacho 3. Grotta 4. Ribeirão 5. Lago	Como chama o movimento agitado da água do rio?	1. Onda 2. Ondulação 3. Corrente 4. Correnteza 5. Maré 6. Remanso
Como chama o lugar onde o rio começa?	1. Nascente 2. Cabeceira 3. Mina 4. Minador 5. Foz 6. Olho d'água 7. Fonte	Como chama o movimento giratório da água do rio?	1. Redemoinho 2. Torcedor 3. Sumidor 4. Remanso 5. Rebojo 6. Chupão 7. Chupinho 8. Mareta 9. Revolto
Como chama a emenda de um rio com outro?	1. Encontro 2. Barra 3. Afluente 4. Foz 5. Deságua 6. Desemboca		

A seguir, estão dispostos gráficos com as ocorrências das unidades lexicais identificadas em cada um dos pontos de geração dos dados. Apresenta-se também os significados metalexiconográficos das unidades identificadas e sempre que possível recorrer-se-á aos étimos das palavras com a finalidade de compreender as motivações dos usos arbitrários e dos sentidos empregados pelos falantes na sincronia atual.

2.1 Ocorrências lexicais para *rio pequeno*

Gráfico 1. Ocorrências de unidades lexicais para a pergunta “Como chama um rio pequeno?”

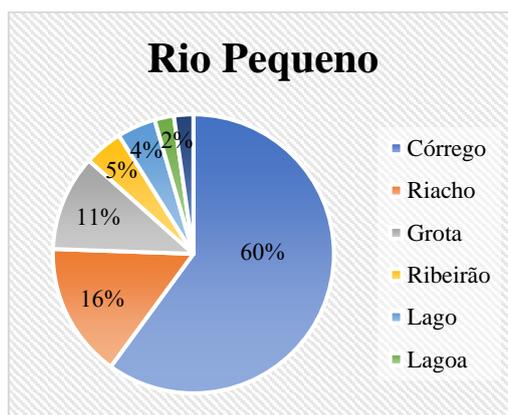
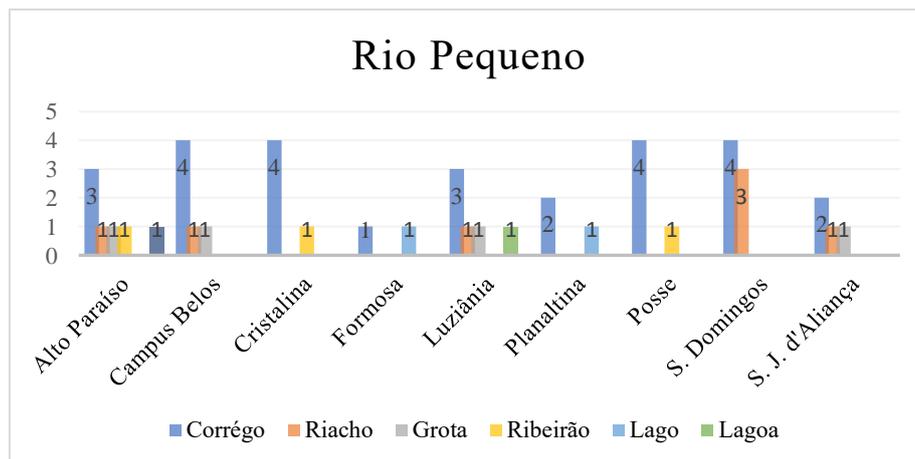


Gráfico 2. – Distribuição diatópica das unidades lexicais que designam Rio Pequeno.



Pode-se perceber pelo Gráfico 1 que o vocábulo *córrego* foi a unidade mais recorrente (60%) nas respostas dos participantes da pesquisa. O vocábulo *riacho* ostenta a segunda posição na escolha dos falantes, porém com ocorrência de uso bem menor (16%). Em seguida, estão os vocábulos *grota* (11%), *ribeirão* (5%), *lago*, (4%) e *lagoa* (2%).

O vocábulo *lago*, do latim *lacu*, conforme Ferreira (2004), trata-se de uma “extensão de água cercada de terras”. Tal acepção não se assenta na noção de rio pequeno, pois não contempla a ideia de curso de água. De igual modo, o termo *lagoa* fica de fora do sentido de rio pequeno conforme definição de Ferreira (2004) e Cunha (2013).

2.1.2 Análise léxico-semântica

Para a análise léxico-semântica, este estudo recorre, além de outras referências teóricas, a dois dicionários de tradição consolidada no Brasil, o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; e o Dicionário etimológico da língua portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha. Ambos serão referidos aqui, respectivamente, como Ferreira (2004) e Cunha (2013). O fato de a versão consultada de Ferreira (2004) ter sido uma versão digital (CD-ROM), onde não há paginação, impede que as páginas sejam referenciadas quando os exemplos são citados.

Assim, retomando as unidades lexicais identificadas para designar rio pequeno, o vocábulo *córrego*, tem como étimo o termo latino *corrugus*, que, por sua vez, é derivado por metáfora do verbo latino *correre*. Fiorin (2014, p. 33) argumenta que “a metáfora é uma concentração semântica”, isto é, um determinado elemento da língua ao se formar com referência a outro já existente assimila deste alguns traços que passam a definir

ambos, o novo e o antigo. Assim, para o autor, a metáfora “despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem”.

No exemplo de córrego, a relação metafórica se dá entre o sentido expresso pelo verbo correr e a percepção motivada pelo fluxo corrente de água, de onde se extrai os traços semânticos relacionados a movimento contínuo em uma dada direção, que define o sentido de água corrente. Da percepção desse fluxo corrente de água, o utente expressaria o sentido dessa realidade empírica por meio de uma unidade lexical *corrugus*, córrego, que carregaria o sentido expresso pela ação de verbo já existente na língua *correre*, correr.

O vocábulo *riacho*, que ostenta a segunda posição na escolha dos falantes, possui origem no castelhano *riacho* (CUNHA, 2013). Ferreira (2004) ainda define esse termo como “rio pequeno, mais volumoso que o regato e menos que a ribeira”. O termo *ribeirão* é aumentativo de ribeiro, cujo étimo latino é *ripa* (*riba*, ribeira, margem). Conforme Cunha (2013), *ripa* deu origem a termos como *arribar* (chegar ao porto), *ribamar* (beiramar), *ribanceira*, *ribeirinho*, *ribeira* (terreno banhado por um rio). Ferreira (2004) define ribeirão como “curso de água menor que um rio e maior que um riacho” e cita *Caminhos e Fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda, como exemplificação: “*Ribeirões* que na estação das chuvas ofereciam água em abundância, só deixavam, agora, distinguir das terras marginais, o álveo enxuto e calcinado”.

Ribeirão designa, portanto, um curso de água de tamanho médio, o que deixa esse termo numa posição periférica no conjunto daqueles que melhor captam o sentido de rio pequeno. Esse termo possui seu étimo na palavra latina *ripa*. Nota-se que o étimo latino *ripa* ou mesmo seus equivalentes em português (*riba*, ribeira, margem) não fazem referência direta ao fluxo de água, mas às margens desse fluxo. Sentido semelhante ocorre com o termo *ribanceira*, cuja origem é a mesma. Diferentemente do que ocorre com o vocábulo córrego, a criação da palavra ribeirão se dá por meio de um processo metonímico.

Conforme Fiorin (2014, p. 37), “a metonímia é uma difusão semântica. No eixo da extensão, um valor semântico transfere-se para outro (...). O que estabelece uma compatibilidade entre os dois sentidos é uma contiguidade, ou seja, uma proximidade, uma vizinhança, um contato”. Assim, o vocábulo ribeira, significando margem (cujos primeiros registros datam do século XIII [cf. CUNHA, 2013]), teria dado origem ao termo aumentativo ribeirão. Certamente, num primeiro momento, ribeira não trazia consigo o

sentido de curso de água, mas de margens altas por entre as quais passa o fluxo de água. Ribeira seria, então, para a corrente de água o que um contêiner é para um conteúdo qualquer.

Para que ribeira, ou sua forma aumentativa ribeirão, passasse a ser entendida como o próprio fluxo de água e não mais como as margens desse fluxo, ocorreu um espalhamento sêmico do conteúdo para o continente, isto é, uma transferência de valor semântico do fluxo de água para as margens que a envolve. Trata-se claramente de uma mudança semântica em que uma palavra expande seu sentido etimológico por aproximação com outro sentido. Margem e rio não são a mesma coisa, mas um completa o sentido do outro, como se o rio e as margens fizessem parte de um *continuum* semântico.

O vocábulo *grota*, utilizado no mesmo sentido de córrego, isto é, rio pequeno, também apresenta indícios de que tenha sofrido mudança de sentido. Conforme Cunha (2013), o vocábulo grego *krypte* deu origem ao termo do latim clássico *crypta* e ao do latim vulgar *grupta*. Deste último, derivaram-se os termos *gruta* e *grota* do português, com sentidos diferentes: o primeiro, significa “caverna natural ou artificial”; o segundo, “abertura produzida pela enchente na ribanceira” e “vale profundo” (CUNHA, 2013, p. 326). Ferreira (2004) define *grota* como “abertura produzida pelas enchentes na ribanceira ou na margem de um rio” e cita um trecho da obra *O Sertanejo*, de José de Alencar, como exemplificação: “Durante a seca as boiadas refugiavam-se nas serras, e escondiam-se pelas lapas e grotas, onde passavam os rigores da estação ardente” (FERREIRA, 2004).

Observa-se que já havia ocorrido mudança semântica quando o termo *grupta* deu origem a dois termos com sentidos diferentes. É importante ressaltar também que o termo *grota* com o sentido utilizado pelo participante da pesquisa já expressa uma mudança de sentido em relação às definições de Cunha (2013). O participante da pesquisa define *grota* como rio pequeno, ou seja, qualquer rio pequeno é uma *grota* e esta é sinônimo de córrego.

Nota-se, assim, que o termo *grota*² revestiu-se de um novo sentido, que se distingue de *gruta*, mas também *grota*¹. Enquanto aquele se trata de um buraco (desbarrancamento) aberto às margens do rio pela enchente; este se trata do próprio fluxo de água que causa a abertura de buracos na margem. É possível argumentar que assim como ocorreu com o termo *ribeirão* essa mudança semântica ocorre por metonímia.

Assim, o termo do latim vulgar *grupta* teria dado origem o termo *gruta*, mantendo o sentido do termo original. Sentiu-se a necessidade de criação de um termo que pudesse descrever a abertura de buracos na ribanceira, que ocorre com a força das enchentes.

Então, o termo *grotta*¹ foi criado através de derivação por metáfora do termo *gruta*, já que este possuía as características semânticas similares a do fenômeno que precisava ser nomeado. Os termos *grotta*¹ e *gruta* passaram a existir na língua portuguesa com sentidos diferentes, mas parecidos (há registros dos dois termos que remontam ao século XVI [cf. CUNHA, 2013]).

O termo *grotta*¹ com seu sentido específico generalizou-se e passou por metonímia a significar não somente o buraco criado na ribanceira, mas também para designar o próprio fluxo de água corrente, dando origem a uma extensão de sentido, que denominamos aqui de *grotta*². Trata-se, neste caso, de o todo (*grotta*²) sendo significado pela parte (*grotta*¹), com ampliação de sentido.

2.2 Ocorrências lexicais para *lugar onde o rio começa*

Gráfico 3. Ocorrências de unidades lexicais para a pergunta “como chama o lugar onde o rio começa?”

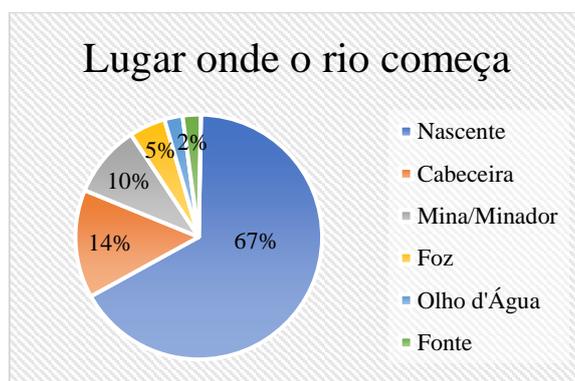
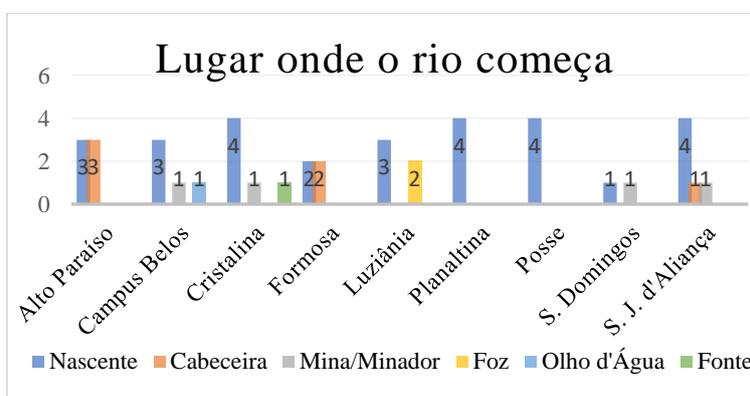


Gráfico 4. Distribuição diatópica das unidades lexicais que designam o “lugar onde o rio começa”



Conforme o gráfico acima, o item lexical *nascente* foi o mais recorrente (67%) para a designar nascente do rio. O termo *cabeceira* surgiu como o segundo mais recorrente (14%), porém em número bem mais reduzido. O par *mina/minador*, tratado aqui como equivalente-vocabular, foi o terceiro item mais recorrente (10%). O termo *foz* representou 5% das ocorrências e o vocábulo *olho-d'água* juntamente com o item lexical *fonte* reuniram 4% das ocorrências.

2.2.1 Análise léxico-semântica

O termo *nascente*, derivado do verbo *nascer*, do latim vulgar *nascere*, recebe de Ferreira (2004), entre tantas, a definição de “lugar onde nasce um curso de água” e apresenta-o como sinônimo de *cabeceira*. *Cabeceira*, termo derivado de *cabeça*, provém do latim vulgar *capitia* e do latim clássico *caput*. *Cabeceira* recebe de Ferreira (2004), dentre tantas, a definição de “lugar onde nasce um rio ou riacho” e apresenta-o como sinônimo de *nascente*. Observa-se que o termo *nascente*, tanto quanto *cabeceira*, foi constituído por metáfora. *Nascente*, derivado do verbo *nascer*, extrai desse verbo o significado principal que é o de surgir, originar-se, ganhar vida. Assim, é através da observação do processo natural de surgimento da água do solo que se pôde chamar de *nascente* o local onde nasce um fluxo de água.

Cabeceira derivou-se de *cabeça* por metáfora e mantém o sentido de lugar onde está ou se coloca a cabeça. *Cabeça*, por sua vez, é um termo que tem sua origem no vocábulo latino *caput*, que, dentre tantos outros, deu origem ao vocábulo *cabo*, que, embora altamente polissêmico, conserva como um de seus sentidos o de “ponta ou porção do continente que avança mar adentro” (VIARO, 2011, p. 196), mantendo a ideia de extremidade. Logo, a relação metafórica entre *cabeceira* e lugar onde o rio começa é a ideia de extremidade. A motivação para a nomeação pode ter ocorrido com o próprio termo *cabeça*, que representa uma das extremidades do corpo; logo, a *cabeça do rio*, ou sua *cabeceira*, é a extremidade do rio onde ele nasce. Ademais, a ideia de *cabeceira* é bastante relacionada com o início de algo. Isso torna possível que se fale de *cabeceira da ponte* (o início da ponte), *cabeceira da mata* (o início da mata), *cabeceira da roça* (início da roca/plantação) etc.

O vocábulo *mina*, de origem celta, emprestado para o português através do francês *mine*, deu origem ao verbo *minar* (abrir mina, cavar, escavar). Não há em Cunha (2013)

ou Ferreira (2004) uma definição de mina com o significado empregado pelos participantes da pesquisa, o de *nascente do rio*. Em ambos os dicionários, as acepções apresentadas ao vocábulo *mina* se referem a esse termo como uma cavidade *artificial* e não natural. Por outro lado, o termo *minadouro*, derivado do verbo *minar* + *-douro*, recebe a definição de Ferreira (2004) como “olho-d’água, quase sempre nascente, de um ribeirão ou de um córrego”, que ainda apresenta a variação *minador*.

Evidentemente, se a análise se concentrar apenas em suas definições metalexigráficas os termos *mina* e *minadouro* não podem ser considerados sinônimos: *mina*, o termo original, se trata de uma cavidade artificial na terra; *minadouro*, o termo derivado, faz referência a uma nascente de água. A designação de *mina* pelo participante da pesquisa faz crer que um novo vocábulo está emergindo para designar esse objeto no mundo empírico, nascente do rio: *mina*², este vocábulo se trata de uma redução vocabular de *minadouro*, cujo sentido é o mesmo expresso pelo participante da pesquisa do ALINGO.

Evidentemente, a relação de sentido entre *mina*² e seu homônimo *mina*¹ se deve ao fato de esta referir-se a uma cavidade artificial na terra e de aquela nomear um fenômeno natural que provoca uma cavidade natural por força da água que brota do interior da terra. Essa motivação metafórica forçou a criação de um novo sentido para o vocábulo *mina*, já existente na língua. Desse modo, *mina*¹ e *mina*² passam então a coexistir no aparelho conceitual dos utentes da língua como formas linguísticas homônimas morfológicamente, mas distintas semanticamente. Este é um exemplo de mudança semasiológica que ocorre por meio do desenvolvimento de novos sentidos de uma determinada palavra.

O termo *foz* é definido por Ferreira (2004) como um “ponto onde um rio (ou outro curso fluvial) termina, desaguando no mar, num lago ou em outro rio”, e ainda apresenta os sinônimos “desembocadura” e “embocadura”. Não pode, portanto, em termos semânticos, significar lugar onde o rio começa, mas exatamente o contrário disso. Para 5% dos participantes da pesquisa, no entanto, *foz* significa lugar onde o rio começa.

O vocábulo *olho-d’água* juntamente com o item lexical *fonte* reuniram 4% das ocorrências. O primeiro é definido por Ferreira (2004) como “nascente que rebenta do solo; fonte natural perene”. Aqui a relação de sentido entre *nascente* e *olho-d’água* parece estar relacionada à fonte lacrimal dos olhos e ao fato de a nascente produzir uma fonte natural de água. Ferreira (2004) exemplifica o uso desse termo citando o seguinte excerto

da obra *Mormaço na Floresta*, de Tiago de Melo: “no ardor úmido da selva, o *olho-d’água* se ofertando frio, nunca para de minar”. Essa citação é significativa pois apresenta esse termo já cristalizado na língua e registrado na literatura nacional com o sentido de nascente de um curso de água. Finalmente, a unidade lexical *fonte*, do latim *fons –tis*, recebe de Cunha (2013) e Ferreira (2004) a definição de “nascente de água”.

Evidentemente, a formação lexical *olho-d’água*, que significa nascente (do rio), revela o processo metafórico envolvido em sua construção. Trata-se de uma palavra composta por aglutinação *olho+de+água*. Para compreender a instanciação do processo metafórico na construção desse vocábulo, é imprescindível identificar os traços semânticos envolvidos no item lexical *olho* e, ainda, os que se acham relacionados com o termo *nascente*. O vocábulo *água*, que se aglutina por meio da preposição *de* com o termo *olho*, funciona como um especificador deste, restringindo-lhe o sentido. Nota-se que o vocábulo *olho* possui os seguintes traços semânticos: circular, fonte lacrimal, úmido. Nascente possui, dentre outros, os seguintes traços semânticos: circular, fonte natural perene, úmido. Os dois termos possuem essencialmente as mesmas intersecções sêmicas: ambos são circulares, com uma fonte natural que brota do interior e molha a superfície.

Não é, portanto, difícil encontrar a relação metafórica que existe entre os termos *olho-d’água* e nascente do rio. A motivação metafórica *olho-d’água* ocorre por meio da observação do próprio processo natural que permite o surgimento da água do interior da terra. É através da observação direta desse fenômeno natural em que a água brota do solo, formando uma espécie de fonte lacrimal, que a unidade lexical *olho-d’água* foi criada. A relação metafórica, nesse caso, ocorreu por meio do vocábulo *olho*, onde se percebem os traços semânticos circular e fonte lacrimal. São esses traços semânticos, que são compartilhados pelo novo objeto de nomeação no mundo empírico, que serão determinantes para que se nomeie de *olho-d’água* a fonte perene que brota da terra.

2.3 Ocorrências lexicais para *emenda de um rio com outro*

Gráfico 5. Ocorrências lexicais para a pergunta “como chama a emenda de um rio com outro?”

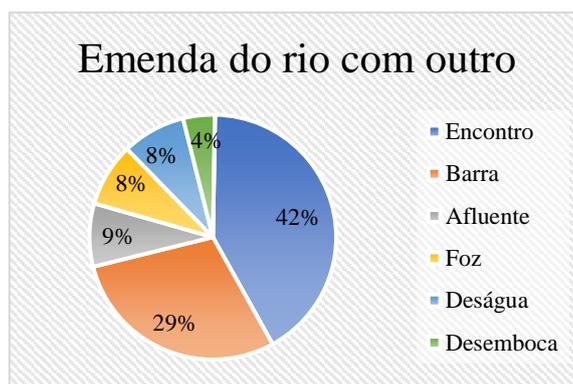
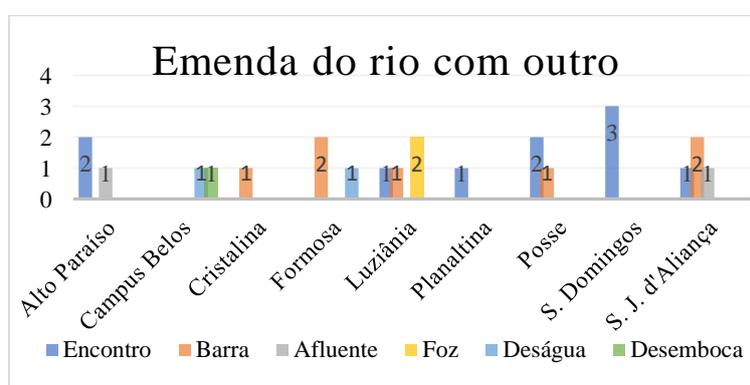


Gráfico 6. Distribuição diatópica das unidades lexicais que designam a emenda de um rio com outro



As unidades lexicais *encontro* (42%) e *barra* (29%) foram as mais recorrentes entre os participantes da pesquisa. *Afluente* (9%), *foz* (8%), *deságua* (8%) e *desemboca* (4%), com menores ocorrências, completam a lista das formas de nomear a emenda de um rio com outro.

2.3.1 Análise léxico-semântica

O termo *encontro* acha definição em Ferreira (2004) com o sentido empregado pelos participantes da pesquisa do ALINGO, como “o encontro das águas do rio com as do mar” e ainda como “confluência de rios”. O vocábulo *barra*, nessa acepção, recebe do mesmo dicionário o sinônimo de *foz*, como em “foz do rio ou de riacho”. O termo *afluente* recebe de Ferreira (2004) definição semelhante, como “curso de água que deságua em outro curso de água”. O vocábulo *foz*, por sua vez, é definido por Ferreira (2004) como “ponto onde um rio (ou outro curso fluvial) termina, desaguando no mar, num lago ou em outro rio” e ainda apresenta os sinônimos “desembocadura” e “embocadura”.

As formas nominais *desemboca* e *deságua* não encontram registros em Ferreira (2004), apenas é possível verificá-las como formas flexionadas dos verbos desembocar e desaguar. As formas nominais com o sentido empregado pelos participantes da pesquisa encontram equivalentes em *desembocadura*, como “lugar onde o rio desemboca”, como sinônimo de foz, e em *desaguadouro*, definido como “rego, vala, canal, sarjeta, etc., para escoamento de águas”.

Nesse sentido, das seis formas empregadas pelos participantes da pesquisa para designar o encontro de um rio com outro, a que mais se distancia do significado que as une é a forma nominal *deságua/desaguadouro*. A definição de *desaguadouro* parece invocar o sentido de algo não natural criado para atender a necessidades práticas, como o escoamento de águas residuais, não se tratando, portanto, de um encontro de águas. No entanto, quando se recorre ao verbo desaguar, cuja definição de Ferreira (2004) é lançar as águas e despejar-se, como no exemplo “alguns rios deságuam no mar”, encontra-se o sentido que recobre o termo *deságua*, exatamente conforme empregado pelos participantes do ALINGO.

No caso do termo *desembocadura*, está patente que ele se relaciona com o sentido da forma nominal *desemboca*, que não encontra registro em Ferreira (2004). Essa aparente redução vocabular *desembocadura* > *desemboca* mantém o mesmo sentido da forma verbal de terceira pessoa singular do verbo desembocar. Essa constatação permite conjecturar que o uso da forma nominal desembocar pelos participantes da pesquisa, que podem nem mesmo conhecer o termo *desembocadura* como sinônimo do termo empregado, não se trata de uma redução vocabular, mas de uma criação lexical motivada pelo sentido da ação invocada pela forma verbal homógrafa / homófona.

Tal hipótese poderá lançar luz sobre o uso do nome *deságua*, não registrado por Ferreira (2004) com o sentido de encontro de águas. Como visto, *deságua* não pode se tratar de uma redução do termo *desaguadouro*, pois significam diferentemente. Por outro lado, a forma nominal *deságua* e sua homógrafa verbal invocam o sentido da ação de lançar-se, despejar-se em algo. Quando perguntado sobre o nome da emenda de um rio com outro, o participante da pesquisa poderá ter pensado sobre processo em que um rio lança suas águas sobre outro rio, concluindo que o nome para esse fenômeno seria *deságua*, assim como é a forma verbal de terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo desaguar.

Como já dito, os termos *deságua* e *desemboca*, que não encontram registros em dicionários do português como nomes, foram utilizados assim pelo participante da pesquisa. Como se explica o fato de o falante ter nomeado o encontro de um rio com outro de *deságua* e *desemboca*? A hipótese que emerge é que esses termos estão sendo lexicalizados. Parece evidente que o processo que ocorre com a nomeação de *deságua* para significar o encontro de um rio com outro é o mesmo que ocorre com a nomeação de *desemboca*. Não se tratam de reduções vocabulares de *desaguadouro* e *desembocadura*, mas de criações lexicais que emergiram por meio dos sentidos fornecidos pelos verbos *desaguar* e *desembocar*.

Em última análise, pode-se argumentar que *desemboca* é uma variante do termo *desembocadura*, mas que sua forma não é uma redução vocabular desse termo e sim de criação lexical a partir do verbo *desembocar*. Por outro lado, *deságua* não pode ser considerada uma variante de *desaguadouro* cujos sentidos são diferentes; não se tratando, portanto, de redução vocabular e sim de criação lexical a partir do verbo *desaguar*.

O estudo do léxico revela a história de suas unidades lexicais e suas particularidades. Assim, estudar a história de uma palavra é perceber as singularidades de sua formação morfo-fonológica e semântica. O processo de construção lexical pode parecer obscuro num primeiro momento, mas uma análise acurada o desnuda e mostra a engenhosidade do sistema linguístico. Repetindo Coseriu (que se recusava a tratar a língua como um produto, acabada), a língua é “uma atividade criativa, que vai além de sua potência ou de sua historicidade, já que o aspecto criativo da linguagem possibilita a criação de novos signos que mantêm a língua em constante processo de criação” (MARRA, 2023, p. 12). Os dados do ALINGO corroboram essa afirmação e tem mostrado o quão dinâmico é o processo de criação lexical e de mudança semântica no português do Brasil.

2.4 Ocorrências lexicais para *movimento agitado da água do rio*

Gráfico 7. Ocorrências lexicais para a pergunta “como chama o movimento agitado da água do rio?”

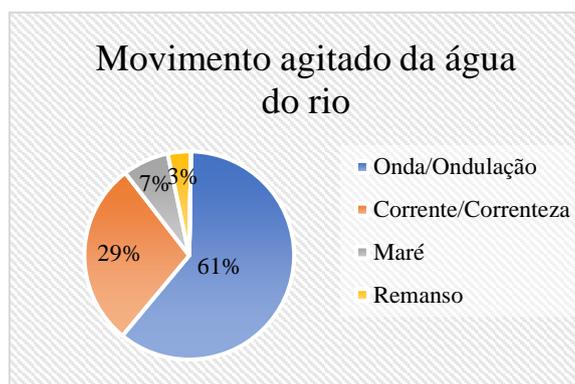
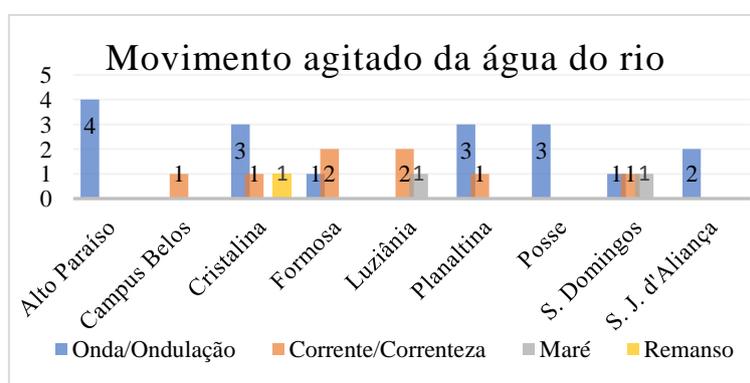


Gráfico 8. Distribuição diatópica das unidades lexicais que designam o movimento agitado da água do rio



A unidade lexical *onda* com a variante *ondulação* representou o uso mais recorrente (61%) para a pergunta “como chama o movimento agitado da água do rio?” O vocábulo *corrente* com a variante *correnteza* ostenta a segunda posição (29%). *Maré* (7%) e *remanso* (3%) completam os itens lexicais utilizados para nomear esse objeto.

2.4.1 Análise léxico-semântica

A origem do termo *onda* está na palavra latina *unda*, que é definida por Cunha (2013) e Ferreira (2004) como “porção de água do mar, lago ou rio, que se eleva”. *Ondulação* se refere, conforme Ferreira, à “formação de ondas pouco agitadas”. Nessa acepção, o vocábulo *ondulação* remete mais ao significado do processo de formação das ondas do que ao sentido de ondas de fato.

O vocábulo *corrente* tem sua origem no termo latino *correns-entis*, adjetivo derivado do verbo latino *correre*. No sentido de movimento de águas, recebe de Ferreira (2004) a definição de “águas que correm, que não se acham estagnadas”. Nessa acepção, o termo *corrente* não significa o mesmo que ondas, mas diz respeito ao curso natural do

rio. Correnteza, substantivo cuja origem está também no verbo latino *correre*, é sinônimo do substantivo corrente. Ambos os termos corrente e correnteza não correspondem diretamente à pergunta formulada.

Maré, por sua vez, do francês *marée*, cuja origem está no vocábulo latino *mare*, é definido por Ferreira (2004) como “movimento periódico das águas do mar, pelo qual elas se elevam ou se abaixam em relação a uma referência fixa no solo”. Notadamente, trata-se de um uso específico que originalmente se referia apenas ao movimento agitado da água do mar que se generalizou para se referir também ao movimento da água do rio. Trata-se de um uso linguístico especializado, restrito a determinado grupo linguístico, que se generalizou quando foi adotado por outros grupos linguísticos.

Antoine Meillet (1905-1906, p. 259) faz uma demonstração de como uma mudança de sentido se instancia em uma determinada unidade lexical por meio de um processo da generalização de um sentido específico:

Arriver (chegar), etimologicamente, significa “*aborder*” (encostar a embarcação, aportar), isto é, *ad-ripare*. Esse sentido é bem conservado, por exemplo, no português *arribar*. Porém, para um marinheiro, *aborder* significa estar ao término da viagem. Então, se da fala dos marinheiros esse termo passar à linguagem comum, ele significará simplesmente o que significa o verbo francês *arriver* (MEILLET, 1905-1906, p. 259, grifo nosso).⁴

Conforme a reflexão de Meillet, uma mudança de sentido se completa quando a palavra passa de um uso restrito (especializado) a um determinado grupo e se generaliza em outros grupos linguísticos. Conforme o autor, quando o termo *aportar* ou *arribar* deixou de ser de uso restrito dos marinheiros, no sentido de conduzir a embarcação ao porto, e generalizou em outros grupos linguísticos, ele perdeu seu sentido etimológico e os falantes passaram a utilizá-lo com o sentido de *chegar* apenas, sem o conhecimento de que esse termo trazia em seu étimo o sentido de *conduzir a embarcação ao porto*. Estes são dois processos fundamentais de mudança semântica: especialização e generalização (para uma discussão mais detalhada desses dois processos ver [MARRA, 2020]).

⁴*Arriver* signifie étymologiquement « *aborder* », c’est *ad-ripare*, et ce sens s’est bien maintenu par exemple dans le portugais *arribar* ; mais pour un marin, *aborder* c’est être au terme du voyage : si, de la langue des marins, le terme passe à la langue commune, il signifie simplement ce que signifie le français *arriver* (MEILLET, 1905-1906, p. 259).

Assim, o vocábulo *maré*, que possui um sentido etimológico metafórico, à medida que ele passa para o uso comum, ou se generaliza para significar não apenas o movimento da água do mar, mas também do rio, essa ideia figurativa desaparece, não sendo mais legítimo falar de metáfora, mas de um modo de expressão etimológica que não chega à consciencia plena do falante, conforme argumenta Meillet (1905-1906, p. 260)⁵, “quando as palavras passam da língua particular à língua geral, elas passam não com o significado etimológico que perderam, mas com o valor secundário que adquiriram”. Nesse sentido, termos metafóricos, bastante abundantes no processo de criação lexical, não serão mais notados como tais quando deixam seus usos especializados e passam para o uso geral.

O item lexical *remanso*, do latim *remansu*, segundo Cunha (2013), significa literalmente “parado”, “cessação de movimento”. Ferreira (2004) ainda traz a definição de “água estagnada” para esse termo. Aqui se encontra um exemplo de vocábulo que perde contato com seu sentido original e se reveste de outro que é exatamente o seu oposto. No entanto, esse mesmo dicionário apresenta um uso desse vocábulo na região amazônica como “contra corrente junto às margens de um rio, causada por pontas de terra, fins de praias, enseadas, onde o ângulo morto produz uma espécie de refluxo fluvial” e ainda como “correnteza na margem oposta à do canal do rio”. Nessa acepção regionalista desse vocábulo, seu sentido se aproxima daquele empregado pelo participante da pesquisa do ALINGO. O encontro da água do rio com as paredes de terras promove uma espécie de refluxo fluvial que se assemelha a uma onda.

2.5 Ocorrências lexicais para *movimento giratório da água do rio*

Gráfico 9. Ocorrências lexicais para a pergunta “como chama o movimento giratório da água do rio?”

⁵ (...) quand les mots passent de la langue spéciale à la langue commune, ils y passent non avec une valeur étymologique qu’il ont perdue, mais avec la valeur secondaire qu’il ont acquise (...) (MEILLET, 1905-1906, p. 260).

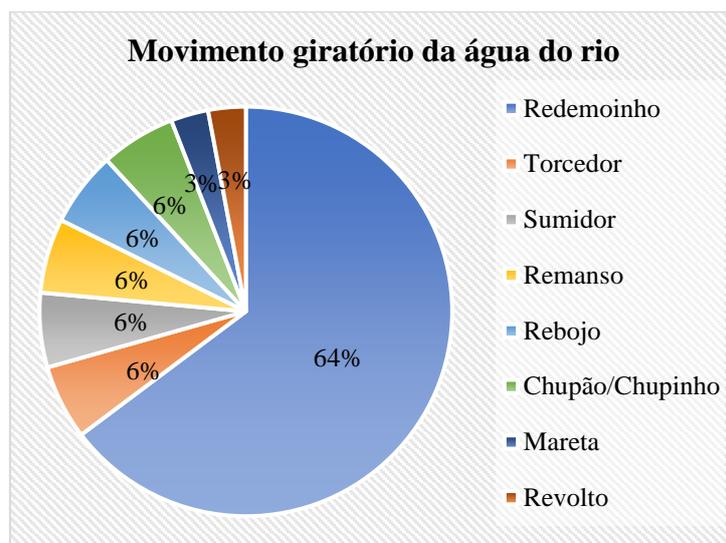
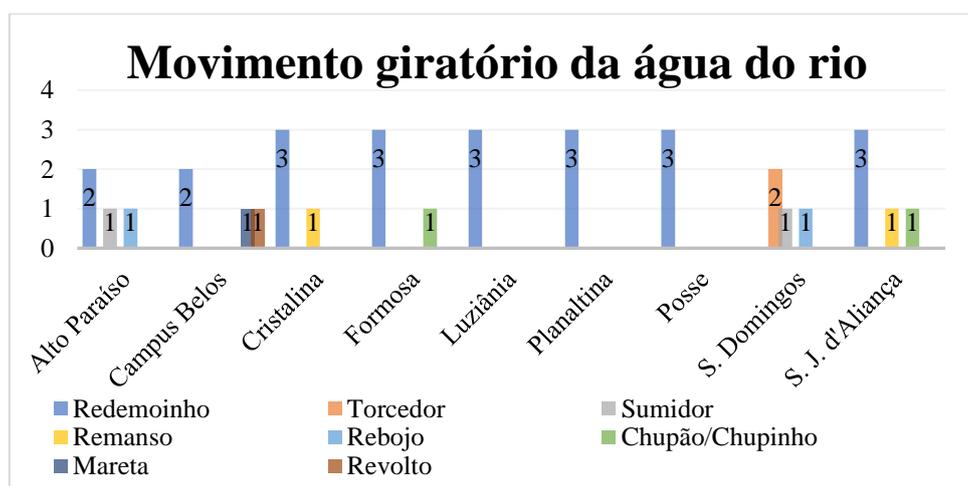


Gráfico 8. Distribuição diatópica das unidades lexicais que designam o movimento giratório da água do rio



O vocábulo *redemoinho* foi o termo mais recorrente (64%) no uso dos participantes da pesquisa. Os termos *torcedor*, *sumidor*, *remanso*, *rebojo* e *chupão/chupinho* representam, cada um deles, (6%) dos usos. *Mareta* e *revolto* fecham a conta com (3%) cada.

2.5.1 Análise léxico-semântica

O verbo latino *molĕre* (moer) originou, no latim tardio, o termo *mōlĭnum* (moinho). Este, com o auxílio do sufixo –ar, originou o verbo português molinhar “moer

aos poucos e fazer funcionar o moinho” (FERREIRA, 2004), que, por sua vez, com o auxílio do prefixo –re, deu origem ao verbo remoinhar “andar à roda em círculos ou espirais” (FERREIRA, 2004). Este deu origem ao nome remoinho, que, por influência analógica da palavra roda, permitiu o surgimento do termo redemoinho (ainda no século XV, este termo apresentou a variante redemunho; no século XVI, a variante redomoinho; e no século XIX, rodomoinho) (CUNHA, 2013).

Evidencia-se uma forte motivação metafórica na formação do item lexical redemoinho, já que um moinho é um instrumento movido “pelo vento, por queda-d’água, animais ou motor” (FERREIRA, 2004), em um movimento giratório. Da observação desse movimento em espiral e circular, encontraram-se os traços semânticos que definiriam o processo giratório em espiral produzido pelo vento na terra e na água.

Assim, redemoinho, derivado de *remoinho*, que deriva de *remoinhar* (andar à roda, mover-se circularmente), no sentido de movimento giratório da água do rio, recebe a definição de Ferreira (2004) como “movimento em círculo causado pelo cruzamento de ondas ou ventos contrários” e ainda como “movimento circular e forte, de pequeno diâmetro, que se processa em espiral, da superfície para o fundo nas águas de um rio ou do mar”. Conforme Ferreira (2004), esse vocábulo apresenta ainda as seguintes variantes: *redomoinho*, *rodomoinho*, *rodamento*, *redemunho*, *rodamoinho*.

O vocábulo *torcedor*, do verbo torcer, aquilo/aquele que torce, não recebe nenhuma definição de Ferreira (2004) ou de Cunha (2013) que esteja relacionada com o sentido empregado pelo participante da pesquisa, o de movimento circular da água do rio. Parece se tratar de um termo carregado de motivação metafórica, visto que o movimento giratório da água do rio faz lembrar o movimento de algo que está sendo torcido. O falante ao buscar um termo que pudesse descrever o sentido do fenômeno observado o nomearia de *torcedor*.

O vocábulo *sumidor*, expresso pelos falantes, não encontra definição em Cunha (2013) nem em Ferreira (2004). Possivelmente, este é um caso de redução vocabular do termo *sumidouro*, derivado de *sumir* + *-douro*. Sumidouro, conforme Ferreira (2004), se trata de uma “abertura por onde um líquido se escoar, podendo tratar-se de um rio que desapareça terra adentro ressurgindo em outros sítios mais baixos; escoadouro”.

Evidentemente, esse sentido não é o mesmo empregado pelos participantes da pesquisa. No entanto, outros eventos podem ter motivado a nomeação desse fenômeno. Assim, da observação recorrente de objetos que são levados pela água e que desaparecem

em situações de ocorrência desse fenômeno, pode ter surgido a motivação metafórica para nomear esse fenômeno de “sumidor”. Trata-se de uma reflexão analógica que permite relacionar o desaparecimento de coisas no rio com o fenômeno que causa esse desaparecimento, arrastando-as em espiral para fundo do rio, o “sumidor”.

O termo *rebojo*, derivado do verbo *rebojar*, faz referência, conforme Ferreira (2004), a um “redemoinho ou contracorrente causada pela sinuosidade do rio ou pelos acidentes do seu leito ou das suas margens”. Nesse sentido, o termo vai ao encontro do que pretendem significar os participantes da pesquisa. Com sentido semelhante está o vocábulo *chupão/chupinho*, “efeito de chupar”, parece estar revestido de motivação. O efeito de sucção provocado por um redemoinho faz lembrar uma chupada, como se algo de dentro do rio sugasse a água para o seu interior. Observa-se que o uso de termos já existentes na língua (torcedor, chupão, chupinho) revestidos de significados novos ou a criação de um vocábulo novo (sumidor) evidenciam a forte motivação metafórica que opera no processo de nomeação de fenômenos naturais pelos falantes.

Já o vocábulo *mareta*, do italiano *marèta*, que é definido por Cunha (2013, p. 409) como “mar agitado com ondas um tanto altas” e por Ferreira (2004) como “pequena onda” e “onda de rio”, não se encaixa no sentido de *movimento giratório da água do rio*. De igual modo, o adjetivo *revolto*, do latim *revoltu* por *revolutus*, conforme definição de Ferreira (2004), é algo “que se revolveu ou remexeu; movido de baixo para cima; revolvido, revirado”. Ainda nessa acepção, fala-se de rio “agitado; tempestuoso, proceloso: *águas revoltas*”. Ambos os nomes não correspondem diretamente ao sentido do fenômeno de afunilamento da água do rio.

Considerações finais

O estudo do léxico de uma língua revela a história dos intrigados processos que definem os contornos morfológicos e os entornos semânticos das palavras. Conforme observado neste estudo, o sentido de determinadas palavras na sincronia atual causa a ilusão de que ele sempre esteve ali, descrevendo e significando o objeto que nomeia. Este estudo apresentou um grupo de unidades lexicais que se formaram em torno de um objeto no mundo extralinguístico, cujas histórias individuais permitiram o rastreio de suas origens etimológicas, a observação de suas transformações metaplasáticas e as mudanças semânticas por que passaram para chegar à sincronia atual significando e trazendo consigo a ilusão de identidade com a realidade empírica nomeada.

William W. Whitney (1867) dizia que o fato de a língua ser uma criação humana, nada haveria de interno ao seu sistema que pudesse conservar a identidade das palavras. Nessa perspectiva, uma palavra não representa um reflexo natural de uma ideia, mas apenas sua designação, um signo arbitrário e convencional com o qual se aprende associá-la. Por ser o signo linguístico uma designação arbitrária, ele carece de força interna que conserve sua identidade, o que faz com que ele fique exposto a toda sorte de mudanças advindas do uso prático da língua. Nesse sentido, Marra e Milani (2013) argumentam que uma vez que uma unidade lexical passa ao domínio do tempo, este se torna o seu principal indicador de estabilidade e de mudança. É, principalmente, observando as palavras localizadas no tempo que se pode perceber a instanciação e a implementação de determinadas mudanças semânticas, como as que foram evidenciadas acima.

A análise dos dados da pesquisa mostrou o quão dinâmico e produtivo é o processo de criação lexical e de mudança semântica no português do Brasil. O enfoque adotado aqui evidenciou os processos metafóricos e metonímicos atuantes, tanto no processo de mudança semasiológica, isto é, no desenvolvimento de novos sentidos de uma determinada palavra, quanto de mudança onomasiológica, isto é, expressão de determinado conceito, por um novo item lexical. Assim, estudar a história de uma palavra é perceber tanto a singularidade de sua constituição morfo-fonológica e semântica quanto a sua relação com o objeto de sua designação no mundo empírico. A compreensão do funcionamento desses processos se apresenta num primeiro momento como um intrigado quebra-cabeças, mas cujas peças vão aos poucos se encaixando e explicitando a lógica interna da criação lexical, bem como suas motivações semânticas no processo de nomeação e de suas subsequentes mudanças de sentido.

Como considerais finais a respeito das possibilidades de designação e do entorno semântico da realidade empírica rio pequeno, este artigo recorre também à noção de categorização e à teoria dos protótipos que poderão lançar luz sobre as seguintes questões: como uma realidade qualquer no mundo empírico (significante) pode reunir em torno de si tantas formas linguísticas relacionadas ao mesmo conceito (significado)? E como essa quantidade de formas e significados relacionados a um mesmo referente não interferem negativamente no processo de apreensão, organização e categorização do mundo e nos processos comunicativos?

Para Silva (2006, p. 298), a categorização é um processo cognitivo que permite aos utentes de uma língua a identificação, agrupamento e nomeação do mundo, que

facilita o processo de classificação, nomeação e organização da realidade, sendo também um artifício de “redução da complexidade do mundo em que vivemos”. Desse modo, o autor argumenta que a categorização se apresenta como uma facilitadora da aprendizagem e do uso de uma língua, uma vez que a cognição humana organiza e significa o mundo por meio de categorias mais ou menos hierarquizadas em torno de um centro prototípico.

A teoria dos protótipos surgiu no âmbito da Psicologia Cognitiva a partir dos trabalhos de Eleanor Rosch, que trouxeram importantes contribuições para o entendimento do processo de categorização. Essa teoria teve forte repercussão nas demais ciências cognitivas, como a Linguística Cognitiva, que passou a acomodar em seu arcabouço teórico muitos dos pressupostos de Rosch sobre a categorização. Em síntese, a teoria dos protótipos afirma que as categorias apresentam membros mais prototípicos, isto é, exemplares mais representativos de cada categoria. Ao se pensar na “categoria ave, por exemplo, canário e pombo estão entre os membros mais prototípicos, e avestruz e pinguim entre os menos” (ARAGÃO NETO, 2008, p. 43 *apud* ALMEIDA & SOUSA, 2014, p. 113).

Na busca pelas possibilidades de designação da realidade empírica *rio pequeno*, observou-se que algumas formas de nomeação são mais prototípicas, isto é, correspondem mais diretamente ao sentido da realidade designada, outras são mais periféricas ou nem mesmo correspondem ao sentido que se convencionou sobre tal objeto no mundo. Conforme evidenciado neste estudo, o entorno semântico do objeto empírico *rio pequeno* reúne em torno si inúmeras possibilidades de nomeação, dependendo dos fenômenos que caracterizam esse objeto como uma realidade dinâmica, que nasce, corre pelo espaço geográfico, se encontra com outros semelhantes e se movimenta de formas diversas.

Embora as formas de designação que emergiram deste estudo possam se relacionar semanticamente com as realidades nomeadas, ao se levar em consideração os étimos dessas mesmas unidades lexicais, observa-se que o sentido prototípico básico que define um determinado referente está mais centralizado em torno de uma determinada unidade lexical do que de outra, que poderá gozar de uma definição mais periférica, embora no aparelho conceitual dos utentes essa diferença nem mesmo exista. Nesse sentido, pode-se argumentar que as unidades lexicais utilizadas para nomear as realidades estudadas nem sempre gozam do mesmo *status* de igualdade de sentido ao conceituar um determinado referente. A categorização mostra-se, assim, necessária, pois facilita a

apreensão e organização do mundo através da linguagem, permitindo aos utentes, sempre que necessário, avaliar o grau de prototipicidade dos conceitos e usar o mais adequado para a situação pragmática. Além disso, permite à cognição humana que acomode e interprete novas palavras e mudanças semânticas decorrentes do uso no interior de categorias semânticas já existentes, dando destaque ao aspecto criativo e dinâmico do sistema linguístico.

Referências

- ALMEIDA, E. C.; SOUSA, A. G. F. A prototipicidade em verbetes de dicionários escolares. In: **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 39, n. 67, p. 110-117, jul./dez. 2014.
- CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4ª ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- FERREIRA, A. B. O. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2004.
- FIORIN, J. L. Figuras de retórica. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARRA, D. Os níveis da linguagem: a teoria linguística de Eugenio Coseriu. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 67, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/16674>. Acesso em: 31 mar. 2024.
- MARRA, Daniel. Cerrado e Veredas: designação, sentido e mudança semântica. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 33, n. 1, p. 105–127, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/163404>. Acesso em: 27 mar. 2024.
- MARRA, D.; MILANI, S. E. Reflexões acerca do conceito de língua como uma instituição social em William Dwight Whitney. **Cadernos do IL**, [S. l.], n. 46, p. 129–147, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/35837>. Acesso: 27 mar. 2024.
- MEILLET, A. “Comment le Mots Chagent de Sens”. In: MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948[1905-1906].
- MILANI, S. E. *et al.* Atlas Linguístico de Goiás: léxico-fonético. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015.
- RIO-TORTO, G. M. Desafios em morfologia: história e (re)conhecimento. In: VIARO, M. (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014.
- ROTH, W. A Semântica Histórica: um campo abandonado da Linguística? In: *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 61-79, 1998.
- SILVA, A. S. O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição. Coimbra: Almedina, 2006.
- VIARO, M. (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014.

VIARO, M.; FERREIRA, M. J.; GUIMARÃES FILHO, Z. O. Derivação ou terminação: limites para a semântica, lexicologia e morfologia históricas. In: VIARO, M. (Org.). *Morfologia Histórica*. São Paulo: Cortez, 2014.

VIARO, M. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VILLALVA, A.; SILVESTRE, J. P. *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português*. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

WHITNEY, W. D. *Language and the Study of Language: Twelve Lectures on the Principles of Linguistic Science*. London: N. Trubnek&Co., Ludgate Hill, 1884[1867].